

DOGGERLAND

# PISTAS SUBMERSAS

VENDIDO  
PARA MAIS DE  
18 PAÍSES



MARIA ADOLFSSON

 FARO  
EDITORIAL

DOGGERLAND

# PISTAS SUBMERSAS

MARIA ADOLFSSON

Tradução  
FÁBIO ALBERTI

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © MARIA ADOLFSSON, 2018**  
**FIRST PUBLISHED BY WAHLSTRÊIM & WIDSTRAND, STOCKHOLM, SWEDEN**  
**PUBLISHED IN THE PORTUGUESE LANGUAGE BY ARRANGEMENT WITH**  
**BONNIER RIGHTS, STOCKHOLM, SWEDEN AND VIKINGS OF BRAZIL AGÊNCIA**  
**LITERÁRIA E DE TRADUÇÃO LTDA., SÃO PAULO, BRASIL.**  
**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer  
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Preparação **MONIQUE D'ORÁZIO**  
Revisão **BARBARA PARENTE**  
Capa e Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**  
Imagens de capa © **AYAL ARDON | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Adolfsson, Maria  
Pistas submersas / Maria Adolfsson ; tradução de  
Fábio Alberti. — São Paulo : Faro Editorial, 2020.  
368 p.

ISBN 978-85-9581-102-7  
Título original: Felsteg

1. Ficção nórdica I. Título II. Alberti, Fábio

19-2617 CDD-839.5

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção nórdica 839.5



---

1ª edição brasileira: 2020  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310  
Alphaville – Barueri – SP – Brasil  
CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)





**DOGGERLAND** era uma área de terra, agora submersa no sul do Mar do Norte, que ligava a Grã-Bretanha à Europa continental. Foi inundado pelo aumento do nível do mar por volta de 6500-6200 a.C. Pesquisas geológicas sugeriram que ela se estendia desde a costa leste da Grã-Bretanha até a atual Holanda, costa oeste da Alemanha e península da *Jutlândia*. Provavelmente era habitada por humanos no período mesolítico, embora o aumento do nível do mar o reduzisse gradualmente a ilhas baixas até sua submersão final, possivelmente causada por um tsunami.

O potencial arqueológico da área foi identificado pela primeira vez no início do século XX, e o interesse se intensificou em 1931, quando uma traineira que opera a leste de *Wash* arrastou um pedaço de chifre animal, que foi posteriormente datado de uma época em que a área era tundra. Depois foram encontrados ossadas de mamutes, leões e outros animais, além de algumas ferramentas e armas pré-históricas.

Em 1990, o lugar foi nomeado como **DOGGERLAND** numa referência aos barcos de pesca holandeses do século XVII chamados *doggers*.

# 1

**ELA SABE, ANTES MESMO DE ABRIR OS OLHOS, QUE ISSO ESTÁ errado.** Tudo isso está terrivelmente errado.

Deveria estar em uma cama diferente, qualquer outra, menos nessa. O ronco vindo do outro lado deveria ser de outra pessoa; qualquer outra, menos dele. E, com certeza absoluta, ela sabe que tem de ir embora. Imediatamente, neste segundo, antes que ele acorde.

Devagar e com o máximo de silêncio possível, Karen Eiken Hornby dobra o edredom para trás e se senta sem olhar para o outro lado da cama. Passa os olhos pelo quarto de hotel e localiza a calcinha e o sutiã no chão, perto dos pés descalços. Localiza também o vestido sobre a mesa de centro, ao lado de sua jaqueta de camurça, e a bolsa, largada sobre uma poltrona. Olhando mais além, identifica seus tênis atrás da porta semiaberta do banheiro.

Escutando o som da respiração profunda atrás de si, Karen planeja cada movimento para sair pela porta o mais rápido possível. Faz uma rápida estimativa dos passos necessários, na tentativa de domar a ansiedade que lhe invade o estômago. Então ela começa, respirando fundo antes de estender a mão na direção da calcinha e pegá-la num movimento ágil. Tomando cuidado para não mover o colchão, ela se levanta e sente o quarto girar. Espera e inspira. Com o corpo encurvado,

numa sequência de passos, ela pega o sutiã e a meia-calça com uma das mãos, e, com a outra, apanha o vestido e a jaqueta. Cada vez mais nauseada, segue em frente e se fecha no banheiro, puxando a porta sem fazer barulho. Hesita e então se tranca, porém se arrepende no mesmo instante, quando escuta o pequeno ruído seco da fechadura, e rapidamente pressiona o ouvido na porta. Qualquer som que possa vir do outro lado é abafado pelas batidas fortes do seu coração e pelo sangue furiosamente bombeado para o cérebro.

Então Karen se vira.

Os olhos com os quais se depara, refletidos no espelho sobre a pia, são vazios, inexpressivos e pouco familiares, o que é estranho. Tomada de aversão por si mesma, ela observa a face corada e o rímel se desmanchando e formando círculos negros embaixo dos olhos. Parte do seu cabelo castanho pende frouxamente de um lado da cabeça; o restante continua amarrado atrás. Sua longa franja está grudada na testa úmida e pegajosa. Resignada, ela examina a devastação e sussurra com os lábios secos e sem cor:

— Como você é idiota, porra.

Algo embrulha seu estômago; Karen mal tem tempo de se debruçar sobre a privada antes que o vômito chegue. *Todo esse barulho com certeza vai acordá-lo*, ela pensa, ouvindo, impotente, os espasmos da própria ânsia de vômito, ofegando enquanto espera pelo próximo despejo e fechando os olhos para não ter que ver os restos de comida no vaso sanitário. Demora um pouco até suas entranhas enfim parecerem ter se acalmado. Temporariamente aliviada, ela endireita o corpo, abre a torneira da pia e enche de água as mãos em concha. Enxágua a boca e deixa a água refrescar seu rosto. Então percebe que isso provavelmente vai borrar mais ainda os restos de maquiagem sob os seus olhos; porém, ela decide que não importa. Porque nada pode piorar quando se está no próprio inferno.

Com quase 50 anos, dessa vez Karen realmente chegou ainda mais no fundo do poço e sente-se como se tivesse 70.

Escapar rápido é tudo o que lhe resta neste momento. Deitar-se na própria cama e morrer. Mas primeiro precisa sair de onde está, entrar no seu carro e ir direto para casa sem falar com ninguém, sem ser vista por ninguém. Então, um pequeno brilho de esperança surge quando ela percebe que justamente nesse dia do ano ela pode ter uma chance

de se retirar da cidade sem ser vista. Às 7h15 do dia seguinte ao Festival da Ostra, todos em Dunker estão dormindo.

Ela enche de água um dos copos da pia e bebe rápido, desatando com a outra mão o elástico do cabelo, Karen volta a encher o copo, coloca o vestido, enfia o sutiã e a meia-calça dentro da bolsa e, quando está prestes a pôr a mão na maçaneta da porta, para. Precisa puxar a descarga. Apesar da grande possibilidade de que o barulho o acorde, ela tem de fazer isso; não pode deixar para trás nenhum indício da sua presença. Com os olhos fortemente fechados e uma cara de horror, ela ouve o som da água descendo pelo vaso, seguido pelo som do reservatório enchendo-se novamente. Karen se afasta e aguarda por mais alguns segundos, até que o som diminua; então, respira fundo e abre a porta do banheiro.

Ele está deitado de barriga para cima, com o rosto voltado para Karen e, por um instante, ela fica paralisada. Uma iluminação fraca que recai sobre ele passa a impressão de que ele a observa, mas então outro ronco poderoso enche o quarto; ela leva um susto e sai do transe.

Pega os sapatos e abre a porta para o corredor. Nesse momento, algo a faz virar-se para o interior do quarto. Levada pelo mesmo tipo de impulso incontrolável que as pessoas têm quando se deparam com um acidente na estrada e não querem realmente olhar, mas precisam fazê-lo de qualquer maneira, Karen deixa que os olhos contemplem o homem deitado na cama.

Com a sensação de que está dentro de uma espécie de sonho, Karen observa seu chefe por três segundos antes de fechar a porta e partir.

## 2

**A PORTA DO QUARTO 507 SE FECHA COM UMA LUFADA DE AR E** um leve estalo. Karen sente a maciez do carpete marrom sob seus pés enquanto acelera o passo até o elevador. As veias de sua têmpora latejam. No momento em que levanta o corpo, um toque soa e a porta do elevador se abre com um leve zunido.



Para sua sorte, a recepção parece estar deserta quando ela cruza apressadamente o saguão em direção à saída. Então, uma súbita ansiedade a invade quando ela percebe que não se lembra do momento em que chegou ao hotel. Lembranças confusas da noite anterior brotam da sua mente como sequências de um filme em velocidade acelerada: o porto com Eirik, Kore e Marike, os bares, muitas ostras e um copo de vinho depois do outro. E então uma imagem nebulosa de Jounas Smeed, que havia aparecido já de madrugada. Mais algumas sequências: risadas, bate-boca, discussões subitamente acaloradas e intensas, gente embriagada abraçando-se para fazer as pazes, e o rosto de Jounas perto do dela. Perto demais.

Quase do lado de fora, Karen é surpreendida por outro pensamento horripilante: será que foram vistos quando entraram no hotel?

Do lado de fora, o ar de setembro é puro. Ela só tem tempo de respirar fundo uma vez antes que o estômago se rebele novamente. Ela se volta para a rua deserta, lançando um olhar de um lado a outro, e corre com a mão colada à boca. Momentos depois, está do outro lado da alameda, debruçada sobre o gradil enquanto a náusea diminui devagar. Ela desfruta de um breve instante de alívio antes de ser atingida em cheio pela verdade da qual vem se desviando desde que acordou. O pior ainda está por vir. Ela terá de vê-lo de novo na segunda-feira de manhã.

Karen olha para o outro lado da baía, na direção do porto. Vê uma floresta de mastros tremulantes na marina, mas o terminal da balsa, que fica mais além, está deserto, como sempre acontece aos domingos. A balsa que vem de Esbjerg chega só às 20h, e já faz alguns anos que não há embarcações para a Dinamarca nem para a Inglaterra nos fins de semana. Hoje em dia, qualquer pessoa que queira sair de Doggerland num domingo tem de tomar um avião em Ravenby. Através da névoa da manhã que paira sobre o mar, Karen consegue vislumbrar a torre de radar branca de um navio de cruzeiro ancorado na parte mais distante do porto de águas profundas.

Ofuscada pela luminosidade do dia, ela semicerra os olhos e se dá conta de que esqueceu os óculos de sol em algum lugar. Agora vai ter de dirigir pelo menos metade do caminho de volta a Langevik com a luz do sol nos olhos, sedenta e enjoada, e com uma dor de cabeça torturante.

A essa hora, no dia seguinte ao Festival da Ostra, Karen é provavelmente o único ser vivo acordado em toda a cidade. Ela respira fundo algumas vezes, com os olhos fechados e a palma das mãos apoiadas nas pedras frias e ásperas da parede. O ar fresco lhe traz alívio, e a brisa afasta o cabelo úmido do seu rosto. Ela dá as costas para o sol e olha para a praia. Mais adiante, vê um saco de lixo cujo formato a deixa intrigada, mas não demora a perceber que, na verdade, se trata de um homem dormindo. Ele está estirado na areia, coberto com seu casaco. Ao lado há um carrinho de compras, cheio de garrafas e latas vazias. O homem parece ser um dos viciados em drogas que perambulam pelo centro comercial atrás da praça Salutorget. Quando acordar, ele provavelmente vai enfrentar problemas bem parecidos com os que Karen está enfrentando agora: vai se sentir sedento, suado e com uma resaca terrível,

*Por outro lado, Karen pensa, diferente de mim, ele parece ter passado a noite em inocente solidão.*

A beira do cais ainda está encoberta pela névoa matinal, e continua difícil enxergar a estrutura do farol na extremidade do quebra-mar de mil metros. A neblina na noite passada deve ter sido densa, Karen especula, e se lembra de que o som da sirene de nevoeiro havia sido mais persistente do que o normal. E então lhe ocorre outra lembrança: Jounas irritado, saindo da cama para fechar a janela e voltando em seguida. Ela rapidamente rechaça a imagem, solta-se do gradil e começa a caminhar com pressa na direção do estacionamento na Redehusgate.

Seu carro está impecavelmente estacionado a três quarteirões dali, exatamente onde ela o havia deixado doze horas antes. A visão da sua Ford Ranger verde-escura no estacionamento vazio em frente à prefeitura a faz relaxar. Em menos de uma hora, Karen estará em sua própria cama, em sua própria casa, protegida por cortinas fechadas, entregue a um sono que, pelo menos por algumas horas, a livraria do grande arrependimento que sentia.

E então ela percebe que não está com as chaves do carro.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite  
é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA LC MOYSES EM JANEIRO DE 2020